

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES

DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

Preludio

Ao arraijal da imprensa, naquela ansia doce e alegre de ver florir, ainda muito vago mas fundamente perturbante, entrei de soslaio nos primeiros anos da mocidade. Era o caso vulgar, não digo de uma vocação, mas da febril e amaríssima paixão das letras. Não sei hoje decompor quanto haveria a mexer-me a pena do tímido ardor de namorado — preocupação do garbo de se distinguir aos olhos distraídos, senão indiferentes, das mulheres bonitas, e do indefinido mas activante sentimento, que sempre deve animar a primavera da vida, de sofrer e lutar por melhores dias á humanidade. Por um curioso enredo de psicologia, logo naquela tão linda e rosea alvorada do amor e da intelligencia, como nos sufoca, estonteia e abrasa um sentimento de que o futuro, vasto mar desconhecido onde seguirá nossa rota de nevegantes, nos reserva inquietamentos, desilusões, esse cruel delirio de ver em cada hora a mentira, a negação e a dor, até compreendermos, ao chegar a morte, que com ela, e não com a vida, contraíramos o macabro espousalicio do transito pelo mundo. Da projecção deste sentimento intimo á sociedade, em que nos encontramos, e ainda para mais turbados pela azafama turbilhonante e rumorosa do mercado, nasce ou aguça-se o instinto de revolta, doise a intelligencia, que a sedução do amor começa a alumiar suave e enternecidamente, e assim se adextra a vontade de trabalhar na verdade e fervorosamente para o sol, que vai subindo, conforto alegremente a paz e a felicidade do mundo. Se houve, ou há, algum crime de ambição ou de egoismo em desejo assim espontaneo e singelo, porque é afinal a historia das lutas do pensamento e o grande agitador das questões sociais, a que formidável castigo não está sujeito!

Mas nem a todos o castigo aproveita. E se hoje não posso já, porque a idade andou açodada e impiedosa, ver-me animado do anseio do futuro, na hora amarga em que a vida é quasi apenas o passado, não se apagou na minha alma aquela devota luzinha de ideal que a acalentava, e da propria lição sofrida, longamente expiada, e do temeroso castigo imposto a quem na treva, por delirio affectivo ou mental, em pensar para a humanidade em dias diferentes dos que conhece, algum proveitoso ensinamento poderão colher os novos, no momento preciso em que essa febre de sonho lhes activa o sangue.

EDUARDO DE ALMEIDA.

Na CASA HIGH-LIFE e sua sede encontra-se sempre sortido variado de artigos de novidade a preços muito reduzidos.



.....
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal.
.....

DO PENSAMENTO

*Da floresta ideal do alheamento
Surgiu o infinito e o inestenso...
E eterno paira, sobre nós suspenso,
O Verbo inatingivel um momento!*

*Eu quedo-me a scismar. E penso, e penso!...
Vai tanto além de mim o pensamento,
Que a terra é como a cela dum convento,
Em que não cabe Deus, por ser inenso!*

*Quem sabe lá se para além da morte,
Esta ansiedade indefinida e forte
Me rasga duma vez todos os véus?*

*Homem, para que pensas?! Não medites...
Se Deus pudesse um dia ter limites,
Deixava para sempre de ser Deus!*

AMÉRICO DURÃO.

Saudação

A todos os seus colegas de imprensa **O Povo de Guimarães** apresenta, ao iniciar a publicação, as suas saudações cordeais.

Especialmente á **Velha Guarda**, órgão do Partido Republicano Português, nesta cidade, que sempre se tem mantido no bom combate em prol da Republica e da Patria, a certeza da nossa boa e leal camaradagem.

Visado pela Comissão de Censura

Coisas e Loisas

A Espanha, senhores, a evolução politica da vizinha Espanha tem posto o sal na moleirinha aos nossos conservadores.

Surpreendidos com o desmoronamento das bolorentas tradições, atontados pelo fracasso das suas esperanças, andam desatinados, como se novo diluvio os ameaçasse e não houvesse arca de Noé com capacidade bastante para os guardar, a eles e á sua supina... ingenuidade.

Meteu-se-lhes em cabeça, ou, com mais propriedade, debaixo do chapéu, que isto de politica é como aquilo das carapuças, negocio de tirar e pôr, questão de gosto e mais nada. Daí o desatino em que os coloca a infosismavel realidade dos factos, a certeza de que a democracia ha-de vencer, sobrepondo-se aos tronos e aos reis, aniquilando despotismos e sôbados, a toda a parte e a todos os espiritos levando as humanitarias ideias da emancipação, da liberdade e da justiça.

Ha-de vencer, a cada um dando o merecido lugar, a todos impondo as mesmas leis e os igualitarios preceitos que hão-de estabelecer a almejada harmonia social, base e incentivo da ordem e da paz, entre os homens e entre as nações. Ha-de vencer, porque obedece ás leis imutaveis do progresso, ás quais foi buscar a força para as vitorias de ontem e irá procurá-las para o triunfo de hoje.

E os nossos conservadores bem o sabem.

Bem sabem que nada se lhe opõe, que nada pode dominá-la, agora que ela leva de vencida as mais aguerridas armas dos seus adversarios; mas, engodados pelas enganadoras apparencias do meio, julgaram o momento asado para uma volta aos tempos recuados do «direito divino». Pobres conselheiros... Politicos de pechisbeque, sociologos de chinelos de ouro, tomaram a nuvem por Juno e foram dar com as ventas no sedeiro.

Aquilo na Espanha foi castanha que lhes rebentou na boca.

Querem-nó melhor?
«Nemo», o famigerado jesuita, que acoita em si todo o veneno e toda a intolerancia dos sectarios ultramontanos, interroga, desabrido e autoritario:

«Que vai ser da Espanha? O que se passa deixa a gente sem saber se é da abdicación de Sanchez Guerra que se trata, se é da abdicación de Afonso XIII...»

Assim, *tout court*, o habil mentor dos lusos reaccionarios clama o seu despeito em face do caminho que a politica do reino vizinho vai seguindo. E' caso para se dizer que vai o diabo em casa do pai dele.

Que vai ser da Espanha? grita Nemo e gritam os acolites, o coio todo. Ora essa! Se o illustre conselheiro tem tanto empenho em sabê-lo, vá para lá. Vá e leve a troupe, a companhia. Nós não perdemos nada e Afonso XIII ganha um grande... canulo.

TRIBUNA LIVRE

Republica!

A Republica é o governo do Povo para o Povo.

Talhada nos mais salutaros principios de humanismo, com a pureza da sua trilogia sacrossanta, ela satisfaz plenamente as aspirações colectivas, sem odios ou paixões violentas, impondo-se como vontade e consciencia e deixando que se desenvolva a acção do mundo exterior — determinante da maneira de ser do homem!

A Republica é o sistema politico que mais requer a perfeição social, comedida e justa, reflectindo idealogia sã que explica a solução dos mais graves problemas, e onde todas as classes têm direitos, mas todas, sem hegemonias que aviltem e sem subserviências que deprimam.

Doutrinada por preceitos rigorosamente benéficos, a Republica é o regime que marca e assinala a emancipação do Povo, que o liberta de quaisquer peias, que o predispõe ao trabalho e que o torna sumamente bom.

Evolucionatoria, acompanhando as épocas historicas com a segurança que lhe advem da sua organização, a Republica é o sistema filosofico criador de novas economias e de novas mentalidades, a clareira por onde se vislumbra o Futuro que inundará o homem de luz, de amor e de beleza.

E sendo, portanto, as republicas os factos que iluminam os homens, a sua razão de ser social, o Povo, que as implantou, não poderá nem deve afastar-se desse ambiente saudável que o envolve e cerca, contribuindo eficazmente e resolutamente para que a sua consciencia accione pela virtude magnánima da bondade, sem tibiezas ou receios.

Existirá erro de afirmação?

Julgo-o remediavel.

Eduquemos o Povo, sejamos exemplos de virtude e dê-se-lhe a instrução necessaria, e o Povo será a força impulsiva, generosa e nobre, forte e soberana, que determinará a criação da nova Economia e da nova Mentalidade geradoras de todos os outros factores nelas baseados: jurídicos, filosoficos, religiosos, literarios e artisticos.

L. COELHO

Verdade Incontestável

Alexandre Jorge Gonçalves, aluno do 3.º ano do Instituto Superior do Comércio, da cidade do Porto, é um novo que se tem devotado à defesa e propagação da Republica. Esperança do jornalismo, o sangue quente a estuar nas veias, crêmo-lo um jornalista brilhante no futuro e um acérrimo defensor da Democracia que será também um lidmo cidadão.

E' uma verdade incontestável, uma grande verdade, que a Academia de hoje, esta Academia educada por mestres reaccionarios, está cada vez mais e com maior entusiasmo integrada nas doutrinas democraticas. Já se vão reduzindo ao mínimo aqueles que, enfatuadamente, declaram que a geração de hoje é monárquica.

Emquanto os academicos reaccionarios estiolam numa prostração lúgubre, só quebrada de quando em vez pelo tanger dos sinos que os chamam á Igreja a ouvir o pregão do sr. pároco, os estudantes republicanos, galhardamente, sem desfalecimentos, integrados bem na sua missão, vão trabalhando conscientemente para que a Republica, longe de ser um regime de seitas e oligarquias, em que os monarchicos, apenas a trôco dum Viva a Republica, disponham de tudo a seu bel-prazer, seja antes a salvaguarda dos interesses dos oprimidos, daqueles que trabalham e portanto produzem... para os outros.

Todos nós nos devemos lembrar que a Republica foi feita e acarinhada pelos pobres, pelos humildes; foram eles que, nas horas mais acéssas da Revolução de 5 de Outubro, de espingarda ao ombro guardaram os bancos onde os grandes senhores da Monarquia, que depois passaram a ser os grandes se-

A missão da pequena imprensa

Eduardo Salgueiro é um novo cheio de talento. Integrado nos salutaros principios da Democracia, defende-a com denodo e para ella vão todos os seus pensamentos. Jornalista brilhante e de vastos recursos, no Porto fundou o semanario Republica que o apresentou como espirito desempoeirado e como inteligencia vivaz.

Não me canso de repetir esta grande verdade, que supponho fundamental no resgate das ideias democraticas, e até mesmo no ponto de vista da dignidade da «espécie» (ou da «raça», como preferiam): a pequena imprensa cabe a mais ardua e a mais nobre missão dos tempos modernos.

E' preciso insistir no porquê desta razão, que já devia andar nos mais devassados dominios do «logar-comum», e que, por mal dos homens e das ideias, tão raro escutada tem sido, por aqueles que se julgam de mais esclarecidos e avisados da boa-rasão e que, afinal, se mostram, de hora a hora, tão surdos e tão fechadas ás rígidas normas do limpido entendimento.

Com o dobrar dos tempos, aquele orgão social que devia ser o portavoz e a sentinela de todas as grandes inquietações e de todas as ansiedades colectivas, criou á sua volta uma cadeia de interesses, de aneis tão apertados e inflexiveis, que deixou de ser o interprete fidelissimo das vozes desprotegidas da boa justiça, para tornar-se escravo de cobiaças e de intuitos inconfessaveis. Queremos falar da chamada grande imprensa, a que se proclama de «mãos limpas» e que, afinal, de limpo, só tem o papel das bobinas, antes de entrar nas colossais rotativas...

Ora aqui está um dos piores males da Nação, um dos principais factores das desordens intestinas. Movida ao sabor dos interesses de meia-duzia, é a essa meia-duzia, apenas, que ela serve.

Consoante os seus caprichos, as-

sim ela em vez de orientar e esclarecer o grande-numero, desorienta-o e lança-o na mais aniquiladora confusão; em vez de lhe ensinar a terapeutica dos profundos saneamentos sociais, sadicamente o arrasta aos ambientes mais empestados pelas doutrinas nauseabundas que se escoam pelos esgotos das suas colunas.

Cabe, por isso, á imprensa de vida angustiosa, substituir a grande imprensa no apostolado que ella abraçou: lançar á terra as sementes duma nova moral, esclarecedora dos verdadeiros destinos do Homem á face dos complicados labirintos da vida moderna, com o problema da Politica á cabeça, a abrir caminho e, possivelmente, a dar solução a todos os outros.

E' ponto mais que certo e indiscutível, que todas as crises da nossa Democracia se devem, fundamentalmente, á ausencia duma imprensa honesta, sabiamente orientada, na evangelização dos verdadeiros principios dignificadores e dos interesses sacratissimos da colectividade. Cabe á pequena imprensa ocupar a fortificação abandonada, mas occupá-la com denodo, com altivez heroica e abnegada, para que da sua abuegação possa amanhecer uma nova era de sinceridade, para que da sementeira das suas ideias sãs possam colher-se os frutos sãos que, nos dominios do espirito, mais do que em todos os outros, a nossa Democracia tem recusado dos seus servidores!

EDUARDO SALGUEIRO.

POEIRA DO MUNDO

EMIGRANTES

Era meu companheiro de viagem, do P. até P. B., o tenente M., um dos raros que têm sabido manter, na adversidade, aquella linha de conduta que seria para desejar que todos tivessem mantido, momentaneamente aqueles cuja «facilidade de viver» não lhes dá direito a conservarem-se num egoismo sórdido. S. Bento, Campanhã, a Ponte de D. Maria Pia — lá, no fundo, a rugir cóleras o Douro — Gaia e, dentro em breve, o comboio corria ao longo da costa, povoada de pequenas e risonhas praías que os felizes da vida não tardarão a encher.

O mar estava bravo, erguia-se em vagalhões de cabeleira espumante, correndo furiosamente ao assalto da terra.

Emquanto relanceavamos o olhar sobre a paisagem entristecida pelos rigores dum dia invernos, iam conversando sobre varios e multiplos assuntos, daqueles assuntos de que dois homens podem falar, quando a ambos anima o desejo duma Humanidade melhor e não esquecem, no calor duma boa digestão, as dores alheias.

«Haverá quem não perscrute a angustia dos olhares que dizem fome? Haverá quem não repare nas crispções de dois braços fortes que não podem ganhar o pão para os seus filhos porque não têm onde trabalhar?»

Ha, os sórdidos, a vara de cevados — na frase lapidar de Ribeiro de Carvalho.

«E as crianças esfarrapadas e famintas que dormem nas soleiras das portas? e os velhos que estendem a mão á caridade publica? e a exploração infame do homem pelo homem?»

«Haverá quem neste estendal de miserias e de dores não atente?»

Há os sórdidos, a vara de cevados.

Olhemos em volta e aí veremos ruínas, tentemos adivinhar o dia de amanhã e sentir-nos-hemos con-

frangidos ante o enorme ponto de interrogação que elle é. Ruínas, só ruínas!

Assim iam trocando impressões quando, chegados a E., tivemos de mudar de comboio.

Fomos parar a uma carruagem de 3.ª coalhada de jogadores de foot-ball que davam largas ao seu desenvolvimento de... grosseria.

O foot-ball é muito educativo, em geral. Educa os pés.

Lá nos fomos meter a um canto, aborrecidos por uma berraria que queria parecer orfeão, fechando os nossos ouvidos, pouco castos, ás enormes grosserias daqueles desportistas de pé e bola.

Jurto de nós, do outro lado da carruagem, seguia uma mulher que três crianças acompanhavam. Ella, com um vestido sujo que já foi bom, as meias caídas, despenteada, nesse semi-abandono a que chegam os vencidos da vida.

As crianças, três meninos, de factos emporcalhados e feitos de tecidos muito leves, tiritavam de frio e comiam fogaças de Vila da Feira, que a pobre mãe lhes comprara.

Eu e o meu companheiro olhamo-nos. E' que a cor amarelo-esverdeada daqueles infelizes, de orelhas transparentes e afiladas e de angulos de rosto bem salientes, dizia-nos que deviam ter chegado, vindo de países tropicais, regressando á terra natal acossados pela fome e pela miseria.

Nas faces traziam estampados esses traços inconfundiveis que dá a fome. E aquella cor amarela-esverdeada... e aqueles olhos de febre... O meu companheiro desceu em P. B. E eu segui ainda.

Uma curiosidade viva, bem cheia do interesse que me merecem todas as dores do mundo, levou-me a dirigir a palavra a essa pobre mulher.

«Donde vinha?» — «Tinha desembarcado no dia anterior em Leixões.

«Ha três semanas embarcara a bordo do «Santarem», no Rio de Janeiro. Pagara duas meias passagens, ella e o filhinho mais velho.

«A viagem fora tormentosa. «A' entrada na barra de Leixões o pequeno navio esteve a ponto de sossobrar. Alguns homens de tripulação, na sua luta titânica com o mar, ficaram feridos.

«A custo desembarcou. Agora dirige-se a V. donde seguiria para a sua terra — Vila da Igreja».

— Ha muito tempo que vivia no Rio?

— «Ha seis anos». E porque voltavam?

— «Porque o seu homem não tinha trabalho e passavam fome.

«Morre-se de fome no Rio, como noutras cidades brasileiras.

«Ajuda ha bem poucos dias 5000 homens, homens válidos, homens sãos, braços que querem trabalhar, reclamavam diante dum consulado pão e trabalho».

Manejos comunistas, dirão os cevados.

Infames. Querer trabalhar não é querer compartilhar do chiqueiro onde viveis, não é querer compartilhar do banquete perene que enche o vosso estomago, que é o vosso coração.

— E porque não viera o seu homem?

— «Porque todo o dinheiro que possuíam não dava para o regresso de todos. Elle viria mais tarde, quando pudesse.»

Emquanto falavamos a mais velha das crianças sorriu-se. Que sorriso! Parecia-se com os dentes arreganhados dum cadaver!

Em S. J. de V. apei-me, tendo-lhes desejado boa viagem.

Tomei um pinhal seguindo ao meu destino. Caminho fora, não deixei de pensar no triste destino daqueles que partem das suas terras á procura de melhor vida e que em terras estranhas vão encontrar uma vida pior. Regressam mais pobres ainda, vencidos, amarfanhados. Regressam, quando não morrem por lá. E também não deixo de pensar no destino daqueles que na terra natal vivem uma vida igual de pobreza e de dôr.

Quando parará a exploração infame do homem pelo homem?

Quando terão todos direito a um bocadinho de pão?

TENENTE CARLOS COELHO.

TRIBUNA OPERARIA

Lembro-me ainda da fundação do velho Povo de Guimarães. Vai ha pouco menos de trinta anos. O seu aparecimento causou um certo e justificado espanto nas chamadas classes de elite do velho e belorento burgo Vimaranesense a cheirar a pingos de cera e agua benta.

Lembro-me bem, menino e moço, de o ouvir apregoar, a 10 reis, pelas ruas da minha terra.

O Povo de Guimarães tinha, naquele tempo, muitos leitores, não só no campo proletario, para quem era feito e dirigido, mas tambem no chamado campo burguês, e que o liam atrás da porta de qualquer botica, não sem um tal ou qual riso de mofa aparente, mas que intimamente lhes agradava.

O Povo de Guimarães usou sempre de lealdade para com os seus adversarios, causticando-os acerbamente, já pela coragem moral como discutia as questões de então — e não eram poucas! — como pelo desassombro que imprimia ás suas colunas, combatendo o velho regime monarchico-liberal por um novo estado politico e social que mais e melhor se coadunasse com as teorias democraticas que vinham tomando vulto e que, por isso reduziam o espirito das novas camadas.

Jornal republicano-socialista, não admira, pois, que o seu aparecimento numa terra como a nossa, dum reaccionarismo impenitente e sem lei, causasse engulhos aos politicos-tartufos daquele tempo, porque julgavam ter fechada nas mãos, eternamente, a consciencia oprimida dos honrados obreiros da cidade e seu concelho.

Hoje, como ha trinta anos, fazia falta um jornal assim: do mesmo ouro da lei. Não pode ser, pois, melhor ocasião para vir á luz da publicidade o novo Povo de Guimarães, seguindo a estrada do seu primitivo. E que hoje, como então, respira-se o mesmo ar corrompido por uma reacção que todos julgam vir a morrer, mas que parece renascer das proprias cinzas... para ser queimada novamente como uma serpe envenenadora...

... E' que vai cheirando demais a cera, e quando ha cera queimada é porque ha cadaver...

AFONSO FRANÇA.

Com os meus botões...

Momentos há em que, se me perguntassem se á Humildade eu preferia a riqueza, responderia, irreflectidamente, que sim... que preferia esta áquella... Irreflectidamente. Porque, reflexionando, a Humildade é, ainda, a maior riqueza. A Humildade, bem entendido, a Humildade-pobreza. Porque a Humildade-submissão, a Humildade-inferioridade, essa é negro azorrague chicoteando, em a noite dos tempos, a pobre humanidade...

A piedade...

Oigo, a-cada-passo, mui bentas criaturas falar em piedade...

Piedade — que é dôr de alma pelos males alheios. Piedade — que é amor-do-próximo. Piedade — que significa dô...

E, entanto... Por piedade, nega-se, aos que sofrem, o mínimo de assistência. Por piedade, impõe-se, aos outros, a máxima do «Venha-a-nós».

Por piedade, dá-se, ao mendigo, esta consoladora graça: — Vá com Deus, irmãozinho, não pode ser...

Entre pedir e exigir, vai, dizem, uma grande distância.

Eu, não acho. Simplesmente, aquele que pede é porque não pode ou não sabe exigir. Se pudesse ou soubesse...

ALBERTO DE MACEDO.

VIDA LOCAL

Um programa a cumprir

Fundado especialmente com o elevado objectivo de propagandar e defender os princípios democraticos, este jornal não se dispensará de, persistentemente, continuamente, sem desfalecimentos e sem cobardias, atacar a fundo todos os problemas e todas as questões regionais, muito especialmente as que mais de perto disserem respeito á cidade e ao concelho.

Povo de Guimarães é um titulo que, por si, diz eloquentemente dos propositos e das intenções de quem, nesta maré cheia de comodismos ignóbeis, se apresenta galhardamente a trabalhar pelo regime e pela Patria.

Na verdade, este titulo é singularmente significativo. Representa, em primeiro lugar, uma homenagem respeitosa, um preito muito sincero de admiração, uma evocação saudosa dos correligionarios dos tempos idos, pois que assim se chamou, há muitos anos, a primeira gazeta republicana aparecida em Guimarães; em segundo lugar, representa a afirmação, peremptoria e solene, do bairrismo de todos os que aqui se propõem lutar pelo bom nome, pelo progresso e pelo engrandecimento da nossa terra. Quer dizer, — éle marca expressivamente os dois aspectos, as duas faces, as indoles da folha: — republicana e vimaranense.

Fixaremos, neste e em successivos artigos, quanto ao segundo aspecto da nossa actividade jornalística, algumas directrizes, para que todos possam avaliar a utilidade, o proveito, a resultado pratico que advirá das campanhas e das batalhas que porventura tenhamos de sustentar.

Contudo, antes de começarmos falando, permitir-nos hemos uma pequena divagação.

Imaginosa, desequilibrado, por vezes, em seus pensares, pouco amigo, no geral, de reflectir maduramente, arrebatado, de um impulsivismo facil, amigo das grandes frases sem fundo, o portuguezinho que se preza não raro deixa de chamar ás coisas pelo seu verdadeiro nome, adulterando, talvez sem proposito, mas, sem duvida, inconscientemente, o que vê e o que o rodeia, desde as obras frageis dos homens seus irmãos até ás mais elevadas instituições e organismos sociais.

Exemplos, aos milhares. Apon-tamos um: — ¿haverá coisa mais tola, absurdo maior, maior incongruência do que esta, tão corrente no nosso país, de dividir-se a Imprensa em grande e pequena?

Grande imprensa, porquê?
Pequena imprensa, porquê?

Se o tamanho e o número de paginas podem contar para a distincção ou classificação das várias modalidades jornalísticas, então, sim, poderá justificar-se que se fale em grande e pequena imprensa. Se se quiser atender as grandes massas de capitais ou interesses materiais em jogo, interesses muitas vezes inconfessáveis, ainda haverá igualmente motivo para tão exquísita distincção.

Mas não são o tamanho, o numero de paginas, o dinheiro, os duvidosos interesses materiais, que fazem a imprensa grande ou pequena: — é a forma como ela se desempenha da altissima, da nobilíssima função que lhe cabe, qual é a de esclarecer e ensinar, contribuindo para a educação a instrução da colectividade, para a formação de cidadãos que compreendam bem a extensão dos seus direitos e das suas obrigações.

Um jornal como este, semanario pequeno e humilde, de modesta apresentação, desprovido de fundos de reserva, vivendo do entusiasmo, da dedicação, do amparo de meia duzia de pessoas, pode e deve marcar o seu lugar de uma forma, sé não brilhante, digna, séria, correcta.

Quantos colossos ha por aí que possam fazer o mesmo?

Fechado o parentesis, reatemos as interrompidas considerações.

Num jornal que o indiferentismo e a inercia dos vimaranenses deixou, estupidamente, acabar sem gloria — o *Pro Vimarane* —, al-guem tentou, durante meses successivos, com uma persistencia que, por vezes, alcançou as raízas da mais beneditina paciência, conseguir esta tão linda coisa: — a união de todos os vimaranenses em face dos problemas locais.

Nada conseguiu. E, afinal, retirou «com nójo e sem saudades»...

Será o caso que tenha de considerar-se como irremediavel a continuação do afastamento em que vivemos, separados uns dos outros, no que respeita ao que mais deveria unir-nos, ao que mais nos deveria ligar?

Será absolutamente utópica a ideia de congregar todos os vimaranenses, de os aproximar, de os juntar, sem malquerenças, sem odios, sem sectárias preocupações, sempre que se trate do bom nome da terra, do seu engrandecimento, do seu progresso?

Não cabe a nenhuma das pessoas que neste jornal trabalham qualquer responsabilidade no malogro de todas as tentativas de união até hoje esboçadas. Pelo contrario, tem apparecido, sempre na primeira fila e sempre desinteressadamente, de todas as vezes que os direitos, os interesses, as regalías da gente vimaranense alguma coisa reclamam do seu esforço, da sua actividade, da sua intelligencia.

No seu aspecto bairrista, o *Povo de Guimarães* procurará, como primeira das suas directrizes, contribuir quanto possa para que, sempre que os interesses comuns o exijam, os vimaranenses se olhem como irmãos e não como inimigos.

A. F.

O nosso concelho

«Potencia publica» — Ouçamos a voz das freguesias! — Uma estrada que serve a nove freguesias.

Tal como uma familia, para que um concelho se conserve unido e não se desmembre das suas freguesias, necessario se torna que a sede atente nas suas mais legítimas aspirações, que as satisfaça em seus desejos e que lhes vá dando o que a urgencia reputa de imprescindível. O tacto administrativo da sede reside na equitativa repartição de justiça que assegure o bem estar e a prosperidade, justiça que a todos contente, e mal vá á cabeça concelhia quando, ao repartir beneficios, os vê levados á conta do exagero em detrimento duma daquelas partes em que parece pesar o abandono.

A sciencia administrativa, a mais difficil na verdade, deve basear-se num direito de soberania que determine e imponha, legitimamente, a vontade colectiva, fazendo que a «potencia publica» calculada por Duguit exerça o seu poder e coacção dum modo benefico e proveitoso.

E muito embora alguns tratadistas, não admitindo concepções extrascientíficas, declarem publicamente que «a soberania só poderá ser um direito pela decisão duma vontade supra-terrestre», pela marcha dos poderes (político ou de dominação), vê-se claramente que esse direito dito subjectivo, de impossivel explicação, vai descendo do nicho da sua santidade para tomar foros de realismo, de doutrina que fundamente o seu poder sem limites sobre os individuos.

E porque são homens quem faz as leis, a lei nos seus efeitos ha-de

fatalmente ser humana, natural e logica, geradora de poderes cuja «potencia publica», repetimo-lo, tal como a potencia dinâmica duma força, ha-de realizar um trabalho de rendimento capaz e social.

O concelho de Guimarães, por várias vezes tem sofrido ameaças de separatismo, e, não fôra a protecção dos governantes, de há muito que teria perdida a sua homogeneidade e algumas das suas mais valiosas freguesias já estariam unidas a outros concelhos ou teriam proclamado a sua emancipação.

E' dos nossos dias os esboços deste movimentos e, que sabemos, não são perdidas as esperanças — o que mais vem provar que a cabeça do concelho não tem regulado de molde a satisfazer as aspirações das suas freguesias e não tem sabido repartir a justiça convenientemente.

Mas sendo ou não assim, o caso é que não têm sido ouvidas as freguesias e os homens que ditam as leis não querem indagar das suas necessidades mais urgentes nem deliberam com consciencia, deixando ao deus-dará o futuro dessas regiões que lhes não interessam, sempre prometendo e sempre faltando, quando não alegam a falta do dinheiro... em que essas freguesias foram colectadas, e gasto em obras... individualmente interesseiras.

E' sabido que Donim, Gondomar, Souto (Santa Maria), Souto (S. Salvador), Prazins (Santa Eufemia), parte de Santo Tirso de Prazins, Corvite, Fermentões e Pensêlo não têm uma estrada que directamente as ligue á sede concelhia e que, apesar de já ter sido iniciada por uma vercação que orçara a sua construção em 55 contos, mão misteriosa a pretende desviar por S. Lourenço, na mira duma serventia que a poucos aproveita.

E como o estudo dos dois problemas (ligação directa ou ligação via S. Lourenço) continua a merecer discussão que nunca mais tem fim, a população das freguesias mais longinquas que continue e esteja sujeita a uma distancia de 16,km⁵ da sede quando esta poderia ser reduzida a 9 quilómetros!

¿Imagine-se que essas populações se lembram da Povoia de Lanhoso donde distam simplesmente 7 quilómetros?

Direito tinham elas a requerer a sua anexação ao referido concelho e Guimarães que continuasse a *contracarrer* a obra, cujo projecto de ha muito se encontra na repartição d'obras da Camara.

E acrescentaremos: duvidamos muito que o preço continue assim acessivel, pois nos consta, que no desvio a fazer, não há população que se preste aos carretos e a dar uma grande parte dos terrenos para a estrada, sem precisar de recorrer a grandes expropriações.

Continuaremos.

Secção Agricola e Informaçoes uteis

Do proximo numero em diante iniciaremos a «Secção Agricola» e as «Informaçoes uteis», pelas quais os nossos prezados assinantes avaliarão do movimento das varias repartições publicas da cidade e satisfazer-se-hão com os informes que iremos dando sobre a agricultura.

«Edições da Livraria Lelo»,

Adquirindo-as, podeis habilitar-vos aos sorteios da mesma livraria.

Consultai as condições na livraria L. Oliveira & C., rua da Republica (junto ao Banco do Minho).

D. Quichote de la Mancha Lello Universal Figuras historicas de Portugal etc., etc.

Os nossos colaboradores

Com o aparecimento de *O Povo de Guimarães* selou-se o pacto da união republicana.

A hora que passa, não admite a politica de odios, de dissidios e de abjecção.

«Todos por um e um por todos.» Persistencia de estudo e difusão de luz aos espiritos rebeldes.

Radicais ou conservadores (socialistas, esquerdistas, democraticos, nacionalistas, liberais e independentes), confessamos o nosso arrependimento pelos erros cometidos e vamo-nos propôr a um trabalho honesto de propaganda republicana, certos de que nesta terra sáfara ha-de germinar a semente duma nova politica, duma politica conscienciosamente republicana e verdadeiramente social.

Ação procriadora — a finalidade do nosso intento.

Por isso, a ideia foi acolhida com unanime regosijo e reboaram os aplausos.

Além dos colaboradores effectivos que são o corpo redactorial de *O Povo de Guimarães*: Dr. Henrique de Oliveira Sá, Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. Francisco Rodrigues, Professor Jerónimo Ferreira Botelho, Luís Filipe Coelho, Tenente Albano José da Cruz e Antonio Barbosa de Abreu Guimarães, contamos ainda com o valioso concurso dos valorosos republicanos: Drs. Americo Durão, Alfredo Fernandes, e Manuel Bravo de Faria, Capitão Mario Cardoso, Tenentes Gervasio Martins C. de Carvalho, Guedes Gomes e Carlos Coelho, Heitor da S. Campos, Virgolino Pimenta, Serafim Rodrigues, José de Sousa Roriz, Manuel Luis de Matos Júnior, Salvador Dantas, Afonso França, Alberto de Macedo e todos aqueles que desejarem aproveitar-se do nosso jornal para tomar parte nesta luta que traduz anseio de liberdade e treguas para o nosso desespero.

Ao trabalho, pois.
Pela Republica!

Pela Republica!

«O Povo de Guimarães»
: O seu aparecimento :

Foi em 1 de Novembro de 1903, que um grupo de seis rapazes amigos, animados da melhor vontade e revestidos de convicções puras, constituiu a Empresa Editora de *O Povo de Guimarães*, semanario democrato-social, sociedade por quotas semanais, com escritura, contracto lavrado por notario publico com a tipografia Dantas, habilitação do editor etc.

Uma verdadeira constituição! Foram eles, Antonio de Freitas Guimarães, tio materno do dr. Emidio Guerreiro, João Garcia, empregado comercial, Luis Garcia Martins, marceneiro, Manuel Ferreira Porto, fotografo, Antonio e Avelino Barbosa; o primeiro e o ultimo já falecidos.

Depois de dois mezes de quotas, saiu o primeiro numero em 3 de Janeiro de 1904. Publicava-se aos domingos e era vendido nas ruas da cidade, avulso, pelo falecido Joaquim Vale-a-Pena, a 10 reis. Ferreira Porto, já experimentado nas lides jornalísticas da capital do norte, foi o seu redactor principal e director politico, o Avelino, que foi correspondente de *O Mundo* e *O Norte*, seu redactor e autor de duas secções; e quem escreve estas linhas fazia o noticiario e a administração do jornal.

N'O *Povo de Guimarães* colaboraram, entre outros, os nomes prestigiosos dos seguintes republicanos: dr. Afonso Costa, dr. Antonio José d'Almeida, dr. Bernardino Machado, dr. João de Menezes, dr. Alexandre Braga, França Borges, Heliodoro Salgado, Trigueiros Martel, dr. Eduardo d'Almeida, João Chagas, Luis Pereira, José Caldas, Martins de Alencar, dr. Guerra Junqueiro, dr. José Sumavielle Soares, dr. José Augusto de Castro, Alexandre de Barros, etc., etc. espalhando luz e vida no povo, cujas aspirações são as de Liberdade, Igualdade e

Fraternidade, sacrossanta trilogia, para mais amplos horizontes. E que os escritos destes nomes aureolados, cuja propaganda intensificada dos seus idiais, levaram o povo a fazer a Republica, eram lidos e ouvidos com todo o carinho e avidez, vivendo-se horas, no tempo da propaganda, de verdadeiro triumpho. Este baluarte do ideal republicano, fundado nesta terra, onde a maioria da sociedade se comprazia em hipocrisia estulta, conseguiu, apesar de todas as perseguições e vexames, e atenta a época da sua publicação, durante nove mezes, flagelar e estigmatizar a Monarquia, os monarchicos e a reacção, enfileirando ao lado da velha imprensa republicana, batalhando até quando lhe foi possível pelo ressurgimento da Patria e implantação da Republica. Foi um arrojo e uma temeridade o ter-se levado a efeito a publicação desse semanario, mas, a rapaziada amiga, fervendo lhe o sangue nas veias, e animada das melhores intenções, levou por diante o seu intento, levantando bem alto a bandeira da Republica. Viveram-se horas de indizível jubilo, e horas de desalento, mas como o «Espírito» é que predomina e a «Ideia» é que prevalece, esta prevaleceu e radicou-se em Portugal.
Viva a Republica!

ANTONIO BARBOSA

9 de Abril

Fez anos, no passado dia 9, que na Flandres gélida e pantanosa o Corpo Expedicionário Português teve o seu maior recontro de guerra.

¿Obliterou-se, então, a consciencia do dever?
Não. O Corpo Expedicionário Português bateu-se heroicamente, com galhardia e com a consciencia do dever cumprido. Diminuído em seus effectivos, estropiado pela longa permanencia no *front* e demoralizado pelo vigário do roulement — o maior escarro que lhe cuspiram —, ele conservou inata a tradição glorioza ficar-se, morrendo.

A responsabilidade do fracasso que sofreu, do ataque das oito divisões alemãs, não lhe deve ser imputado, visto que na hora da rendição, o achar-se rapidamente envolvido, não impediu que soubesse ainda opôr resistencia tenaz ao inimigo. Deve ser imputado, e isso será a sua desafrota eterna, áqueles que abastardados em seu patriotismo, o lançaram no mais degradante dos abandonos e na maior das miserias. A esses, deve a Historia pedir justas contas. O soldado, o expedicionario, esse bateu-se e soube morrer pela sua Patria. Pela Patria e pela Republica!

O tributo da eterna gratidão vincou-se em nosso peito e a saudade será flor que desfolharemos permanentemente sobre a sua campa.

Noticiario

No passado domingo tivemos o prazer de abraçar o nosso querido correligionario e distinto poeta, Delfim de Vimaranes, negociante em Gaia e irmão do nosso prezado amigo e tambem valioso correligionario, sr. Alberto Gomes da Silva Guimarães.

— A passar as férias da Pascoa têm estado entre nós os distintos academicos e nossos estimados correligionarios, Alcindo Ferreira Martins, Francisco Fraga e Serafim Ferreira de Oliveira, alunos de diferentes faculdades.

— Tambem tem estado entre nós, de visita a seu Ex.^{mo} Pai, o aluno do Liceu Eduardo Pizarro de Almeida, filho do nosso illustre Director dr. Eduardo de Almeida.

— Acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, encontra-se nesta cidade o nosso dedicado correligionario e querido amigo, sr. Antonio Pereira, distinto Escrivão de Direito na comarca de Ponte do Lima.

— Os illustres officiais do Exército, srs. Capitão Henriques de Sousa Guerra e Tenente Heitor Ribeiro de Almeida, no domingo de Ramos, vieram de Braga a esta cidade em visita aos seus inumeros amigos.

DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

CASA HIGH-LIFE

Tourol-Guimarães

TELEFONE 49

É HOJE A CASA, NO SEU GÉNERO, MAIS BEM SORTIDA E QUE, EM PREÇOS, OFERECE MAIS VANTAGENS

Modas, tecidos de seda, lã e algodão; tecidos para camisas de homem e senhora; bretanhas, panos bordados e de ronda, colchas de seda, echarpos, vãos, sevilhanas, chales de seda bordados, sombrinhas, bengalas, malhas para homem, senhora e criança, meias, piugas, camisaria, colarinhos, gravatas, artigos de bordar, cintas elásticas e elásticos para cintas e ligas, perfumaria, sabonetes, artigos para luto, miudezas, etc., etc. Esta casa já recebeu parte do seu sortido para a próxima Estação do Verão e breve espera completar o seu grande e inigualável stock de fazendas adquiridas nas principais casas da especialidade.

SEMPRE NOVIDADES

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA
Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre
das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43—RUA DA REPUBLICA—47
TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

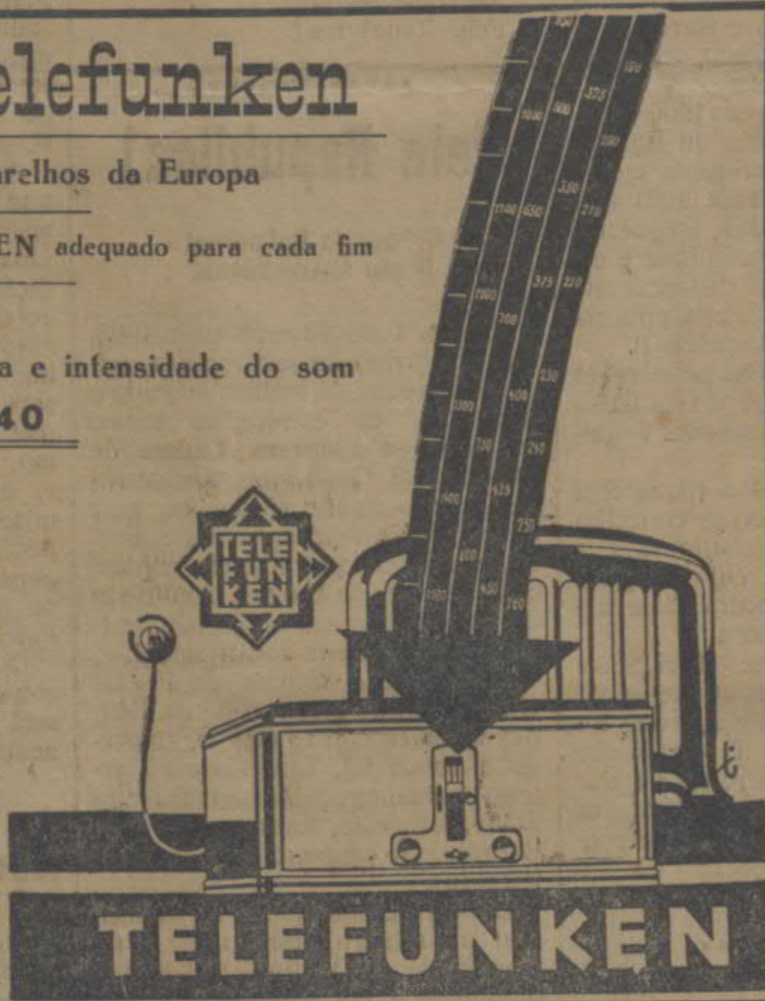
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente desseminalado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao :

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFUNKEN

TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante
das maquinas de escrever L. C. SMITH
e CORONA, que são reputadas ás de modelo
mais perfeito e as de maior duração

28—Rua 31 de Janeiro—30

GUIMARÃES

PAPELARIA,
PERFUMARIA
E TABACOS

Gramofones
— e discos —

Papeis de em-
balagem, Fio,
Papelo e ma-
quinas de es-
crever :

PAPELARIA CENTRAL

Praça D. Afonso Henriques

TELEFONE 149

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

DROGARIA TOURAL

DE

João Garcia de Almeida Guimarães

P. D. Afonso Henriques

GUIMARÃES

Tintas, Vernizes e Vidros

TELEFONE 68

FABRICA DE GUARDA-SOES E CHAPEUS

DE

Faria & Fernandes, Limitada

51—Largo Prior do Crato—54
(GUIMARÃES)

49—Praça D. Afonso Henriques—50
(FILIAL)

Telefone n.º 9

Agentes oficiais dos pneus

Firestone

Representantes do capacho

Ideal

"O POVO DE GUIMARÃES"

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33

GUIMARÃES

Ex.º Sr.

Sociedade Martinus Sarmento

Guimarães